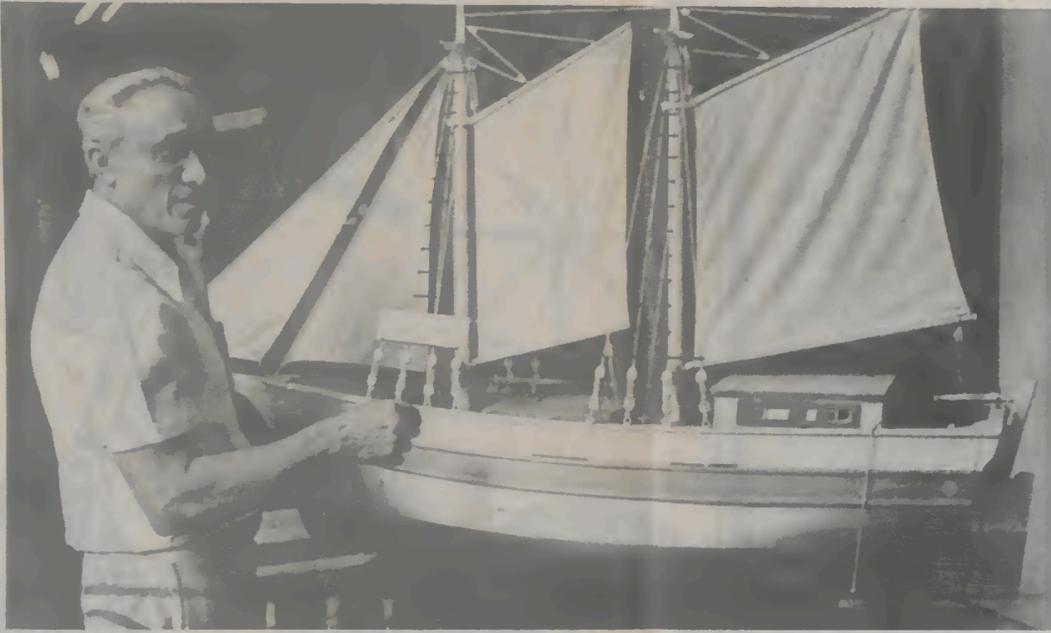


Cópia fiel de um barco pesqueiro, abandonado numa sala-depósito

Uma emoção esquecida



Pelas mãos de José Silvério, uma obra de arte

José Silvério Nascimento, construtor de grandes barcos no Nordeste brasileiro, vai ficar triste ao saber desta notícia: a réplica de um barco pesqueiro a vela, que ele fez com muito carinho e doou ao Museu Histórico do Bosque dos Jequitibás, está há três meses afastado do público. O "São José" está empoeirado numa sala-depósito do museu.

O trabalho é uma cópia fiel dos costumeiros barcos de pesca, que também servem para transportar mercadoria. Barcos como este são encontrados em toda costa norte do Brasil, desde Ilhéus até Belém do Pará. Quando não havia estrada, este era o transporte de madeira, farinha etc. entre as capitais litorâneas.

O "São José" nunca esteve no mar. Tem um metro e vinte de comprimento, desde a popa até a proa. Em amarelo, azul e branco, possui escotilhas e porão naturais, âncora de ferro com a amarra (corrente). Ele pode "viver" mais tempo na água porque foi todo calafetado. Nada de cola.

Na "meia laranja", casinha no convés onde dormem os pescadores, as venezianas abrem normais. A "caverna", parte que forma a estrutura, é toda em peroba. As "ensarças" — usadas para sustentar os mastros — tem fios de nylon, e as "bigotas" (acabamento da "ensarça") foram entalhadas em cedro, madeira comum para barcos de navegação maior.

Todinho feito a mão

José Silvério levou um ano para construir o "São José". Não que lhe falte prática, pois seu passado está ligado diretamente ao mar. José Silvério do Nascimento, 61 anos, filho natural do Rio Grande do Norte é carpinteiro naval tarimbado. Aos 15 anos ingressou no estaleiro naval da Marinha de Guerra em Natal.

Tempo bom. Deixou a casa de farinha do pai e se mandou para perto do mar. "Naquele tempo em Recife, era aquela fartura de lagosta". E então "a gente se largava pra dentro do mar, ficava dois dias..." relembra, com simplicidade, o homem que depois de construir muito barco de verdade, de pesca, a vela e depois a motor, veio ajudar a criar a caravela do Parque Portugal, em Campinas.

O barquinho que está escondido no Bosque ele fez de passatempo e acabou doando para o Museu. Trabalho nas horas vagas. Empoeiradíssimo hoje, o "São José" não arranca lamúrias de seu criador. Só uma tristeza muito calma que se percebe ao vê-lo virar o leme para mostrar a perfeição da réplica e ajeitar a traquete (uma das velas médias). Pura obra artesanal.

Artesanato que José Silvério conhece a fundo, desde quando adentrava floresta adentro, para cortar ipê e sucupira e construir seus barcos. "Na praia de Caiçara, em São Bento do Norte, era a maior pescaria do Nordeste; dia de festa tinha uns mil barcos a vela. Era uma beleza! Tudo bem aparelhado... Hoje acabou tudo", lamenta ele como se, voltando ao passado vivesse aquela emoção.

— Antigamente tudo era bem dizer manual, serrotinho de mão, plaina, não havia máquina. E tem muita peça que é torta, não dá para fazer em máquina. Hoje está tudo modificado. Não tem quase barco a vela para pescaria... Barco a vela, o vento só vai quando quer!

Trabalhou na Caravela

Um barco de 20 até 40 metros demora até 3 anos para terminar. Tem barco seu que foi vendido para a Holanda, contou. E a Caravela do Parque Portugal, motivo que arrancou José Silvério do Nascimento do porto de Santos para a terra firme, exigiu dois anos de trabalho consecutivo. "E ainda falta acabar por dentro e já está apodrecendo".

— Aquilo é para estar flutuando no meio da água, aí que é bonito! — diz o antigo mestre, fiel à sua paixão pelo mar.

Ele chegou a Campinas com mais três colegas, especialistas na arte, convidados pelo espanhol José Vidal, o responsável pela caravela da Lagoa do Taquaral, que hoje está cheia de cimento, encostada na terra. "Chegamos a primeiro de janeiro de 1971". Depois, José Silvério foi transferido para o DETI, Departamento de Transporte da Prefeitura, onde exerce a função de carpinteiro para carrocerias de caminhão.

— Estou feliz, afirmou, humildemente. Ele ouviu dizer que vão reativar a caravela da lagoa, mas não sabe responder se gostaria de voltar a trabalhar lá, onde depois de ajudar a construir toda o barco, ainda permaneceu um tempo, transportando gente para conhecer a caravela por dentro.

Casado, pai de quatro filhos (o único filho homem está na Marinha há 3 anos), José Silvério era cumprimentado com simpatia pelos companheiros de trabalho no DETI, ontem pela manhã. E ele, com jeito humilde, pedia licença para chegar até a sala onde está guardada sua arte em madeira.

Casa de farinha nordestina

As miniaturas de José Silvério, que ele começou a fazer há 8 anos, depois que chegou a Campinas, não se restringem ao passado junto ao mar. Elas carregam reminiscências mais antigas. Dos barcos fez três, e o "São José" é o maior de todos. Mas tem outra obra de arte, com exímio acabamento, que José Silvério trabalhou com igual cuidado.

Trata-se de uma autêntica casa de farinha, que o pai de José Silvério possuía no agreste nordestino. O incrível do trabalho de José Silvério é que tudo funciona perfeitamente, além do acabamento de primeira. Quem não entende como funciona uma rosca, talvez não alcance a dificuldade de uma peça, torneada a mão, apresentar as mesmas características físicas e funcionais que uma rosca industrializada.

A casa de farinha nordestina está no próprio DETI, num "hall" à entrada da diretoria. Uma reprodução didática, "lembrança do meu pai, das farinhas e do tempo da roça".

Na casinha, com pouco mais de um metro de comprimento, a roda de engenho, o rodete (que corta a mandioca), a prensa e a peneira. A prensa é formada pela roda e parafuso — tudo feito a mão — e fica ao lado do forno onde sai pronta a farinha.

A capacidade de detalhamento do autor levou-o a fazer até os "caçuás", cestas de cipó (que ele pegou na região de Campinas) que viajam no lombo dos jegues. "Tem até candieiro antigo "pra alumia" — brincou José Silvério, mostrando o aproveitamento de uma latinha de coca-cola.

— Fiz para as pessoas conhecerem uma casa de farinha nordestina...



UXO
forno com
temperado